

ANA PLÁCIDO E O TERROR DA CONSCIÊNCIA FEMININA “ÀS PORTAS DA ETERNIDADE”

RESUMO

Ana Plácido (1831-1895) foi uma autora portuguesa que viveu e escreveu na sombra do seu amante, e posterior marido, Camilo Castelo Branco. Sendo hoje praticamente esquecida pela crítica literária, a sua obra é, ainda assim, de extrema importância para o estudo do romance oitocentista e do Romantismo português. No texto “Às Portas da Eternidade”, incluído na sua obra *Luz coada por ferros*, a autora faz das conturbações psicológicas de uma mulher abandonada pelo amante toda a tessitura do seu texto. A atmosfera sombria e gótica composta pelo ambiente que a circunda e pela iminência da morte transformam este conto numa história de fantasmas, em que a protagonista está prestes a transpor a barreira entre a vida e a morte. O suicídio por amor é neste conto desenhado como um fim desesperado para uma alma sem salvação. A consciência feminina é, aqui como noutros textos deste volume, o lugar por excelência da expressão do terror e angústia psicológicos femininos.

Palavras-chave: romance oitocentista português; abandono; morte

ANA PLÁCIDO AND THE TERROR OF FEMALE CONSCIOUSNESS IN “ÀS PORTAS DA ETERNIDADE”

Abstract:

Ana Plácido (1831-1895) was a Portuguese author that lived and wrote in the shadow of her lover and husband Camilo Castelo Branco. Her work, having been almost completely forgotten by literary criticism today is, even so, of the utmost importance for research on the nineteenth-century Portuguese novel and on Portuguese Romanticism. In her short story “Às Portas da Eternidade”, included in her work *Luz coada por ferros*, the author makes the psychological struggles of a woman who was abandoned by her lover the true fabric of her text. The gloomy and gothic atmosphere composed by the objects that surround the protagonist and by the imminence of death turn this text into a ghost story where the main character is about to transpose the boundary between life and death. Her suicide for the sake of love is, in this tale, depicted as a desperate end for a soul without salvation. Female consciousness is, here as in other stories in this book, the place par excellence for the expression of female psychological terror and anguish.

Keywords: nineteenth-century novel; abandonment; death

ANA PLÁCIDO Y LO TERROR DE LA CONCIENCIA FEMENINA “ÀS PORTAS DA ETERNIDADE”

Resumén:

Ana Plácido (1831-1895) fue una autora portuguesa que vivió y escribió en la sombra de su amante, y más tarde marido, Camilo Castelo Branco. Hoy prácticamente olvidada por la crítica literaria, su obra es, aún así, de extrema importancia para el estudio del romance del siglo XIX y del Romanticismo portugués. En el texto “Às Portas da Eternidade”, incluido en su obra *Luz coada por ferros*, la autora hace de las perturbaciones psicológicas de una mujer abandonada por el amante toda la tesitura de su texto. La atmósfera sombría y gótica compuesta por el entorno que la rodea y por la inminencia de la muerte transforman este cuento en una historia de fantasmas, en que la protagonista está a punto de cruzar la barrera entre la vida y la muerte. El suicidio por amor es en este cuento diseñado como un final desesperado para un alma sin salvación. La conciencia femenina es, aquí como en otros cuentos de este volumen, el lugar por excelencia para la expresión del terror y de la angustia psicológicos femeninos.

Palabras clave: novela ochocentista portuguesa; abandono; muerte

Ana Plácido (1831-1895) foi uma autora portuguesa que viveu e escreveu na sombra do seu amante, e posterior marido, Camilo Castelo Branco. Habituada a considerá-la como a companheira inseparável do romancista, a crítica tem-na deixado maioritariamente esquecida e abafada sob o peso da fama de Camilo. Porém, a sua pouco extensa obra é, ainda assim, indispensável ao estudo do romance português oitocentista e da representação da mulher nele tão frequente.

Esta autora deixou as suas obras mais importantes repletas de episódios, comentários e observações acerca do adultério (que é, sem dúvida, a temática mais revelante da sua produção literária e um dos pontos de interesse dos romances oitocentistas) e de relações amorosas ilícitas e falhadas. A sua perspectiva concentra-se, no entanto, na vivência feminina íntima do adultério e da desilusão amorosa, privilegiando a psicologia feminina acima dos acontecimentos concretos. É tal modo de construção romanesca que torna os seus narradores (disfarçados, em alguns casos, sob pseudónimos masculinos) particularmente compassivos para com essas mulheres “perdidas” por amor, apresentando um tom de compreensão para com as dores de tais personagens sem expressar em relação a elas julgamentos morais.

Em *Luz coada por ferros*, conjunto de textos que constituem a primeira publicação em livro de Plácido, são várias as histórias que envolvem jovens adúlteras ou enredadas em relações amorosas ilícitas com as quais o narrador empatiza e cujos sofrimentos lamenta, culpando, muitas vezes, os homens que as seduziram de as perderem sem compaixão. Este conjunto de textos foi o resultado de 18 meses de prisão (de Junho de 1860 a Outubro de 1861) sofridos por Ana Plácido como pena pelo adultério que assumiu ter cometido com Camilo Castelo Branco. Todo o volume é escrito num tom sombrio e pautado por cenas de sofrimento, martírio e desespero, sendo os momentos de horror ou fúnebres os melhor trabalhados e descritos.

A obra é composta por um conjunto de histórias ou episódios de mulheres, na sua maioria jovens, que perdem a inocência através da entrada na adolescência e no mundo dos sentimentos e das seduções, vendo, por

isso, as suas vidas destruídas. A perda da inocência toma, porém, variadas formas, não se tratando sempre de adultério ou concubinato e não sendo sempre importante o facto de se tratar ou não de uma relação legítima. O foco da autora encontra-se na razão pela qual essas jovens se perdem e na honestidade do sentimento e do coração pelos quais essa perdição é levada a cabo, para além de se concentrar, sobretudo, nos efeitos psicológicos que essas experiências representam para as suas personagens.

Talvez um dos textos mais curtos desta obra, “Às Portas da Eternidade” é também um dos mais trabalhados contos desse volume de Ana Plácido. Perpassado por uma atmosfera sombria que é introduzida logo no início da história, o texto é construído em torno da personagem feminina que é a protagonista e única personagem com presença concreta na história. É da sua vida e da sua morte que se irá tratar e será ela e o seu estado emocional e psicológico o núcleo temático do enredo.

O conto tem início com a descrição de um cenário sombrio numa noite de tempestade num apartamento de Lisboa. É-nos descrita uma mulher vestida de preto, com a palidez da febre nas faces e os cabelos meio soltos, precocemente envelhecida e desgastada pelo sofrimento: “Grandes e insondáveis lutas lhe roubaram das faces o mimo da infância, não podendo contudo sulcá-las com as rugas da velhice.” (Plácido, 1863, p.191-192). A sua identidade não é revelada, não lhe é sequer atribuído um nome: “é enfim um mistério, e como mistério ficará para o leitor.” (p.192).

A atmosfera sombria enquadra desde o início esta história de um suicídio por amor, precedido de um conjunto de actos que parecem quase ritualizados. A noite, a tempestade, a mulher pálida e vestida de negro evocam um ambiente caro às novelas românticas de pendor gótico. Esta abertura parece ter inspiração, de algum modo, nas tenebrosas atmosferas de Edgar Allan Poe e, especificamente, na abertura do seu mais famoso poema “The Raven”.¹

Como com várias outras protagonistas de Plácido, esta mulher encontra-se só, entregue a si mesma, às suas

reflexões e às suas dores, rodeada de elementos simbólicos do seu estado de alma e da sua vida amorosa, prestes a acabar pela sua própria mão. É dessa solidão e do seu *stream of consciousness* que será feita a matéria de todo o restante texto. Na verdade, esta figura feminina é a única que tem voz no conto para além do narrador e é uma entidade sobretudo psicológica, sendo o seu íntimo emocional e mental a componente mais importante do texto. A ideia do suicídio é o que guia esses seus últimos passos pelo espaço da memória e do legado que deixará. Antes disso, porém, prepara-se despiendo o vestido fúnebre e envergando um branco, que simboliza a libertação da morte e prefigura a passagem ao estado meramente espiritual, o percurso da vida de mágoas até à libertação do corpo e o descarregar das culpas que leva da vida e que se anulam com o suicídio: “Depois despe o fúnebre vestido, trocando-o por outro, cuja alvura transparente unida à expressão da sua fisionomia, lhe dá um ar fantástico e sobre-humano.” (Plácido, 1863, p.193).

Prepara-se, em seguida, para as suas últimas palavras segurando vários objectos simbólicos da sua vida passada, como se praticasse um ritual: pegando em “um bracelete de cabelos escuros” apela à mãe para que a ampare, ao mesmo tempo que segura o “punhal com cabo de marfim” que lhe fora oferecido pelo amante e que usará para tomar a própria vida. Depois olha os dois anéis que traz na mão direita e que se espelharão nas duas cartas que irá escrever, ambas endereçadas a homens: “Duas argolas de ouro finíssimas se unem uma a outra no dedo anular da mão direita. Volteia-as entre os dedos trémulos, beija-as, e sufoca comprimindo o seio num soluço despedaçador que ali vinha quebrar de encontro.” (Plácido, 1863, p.193).

O restante texto é composto pelas cartas que escreve a duas pessoas distintas: uma a um homem que chama de “amigo” e “irmão” (e que se deduz ser alguém que a ama), e que cumpre a função de resumir o seu passado mais longínquo e enquadrar o seu passado recente e o sofrimento amoroso, que, por sua vez, ela expressa na segunda carta endereçada a Cristiano, que fora seu amante. Este triângulo centra-se em absoluto na figura feminina, já que é somente a ela que ouvimos e só a ela

que temos acesso directo no texto. Importa ainda notar como a escrita detém a última expressão da suicida: embora as cartas de suicídio sejam um tópico comum, são, ainda assim, neste caso uma expressão autoral de uma mulher desesperada e às portas do fim, que se serve da palavra escrita para deixar o testemunho da sua vida e para lamentar o seu final infeliz.

Também noutro texto de *Luz coada por ferros* que intitulou de “Meditações” e que comporta um conjunto de escritos de tom autobiográfico a autora frisa a importância do estudo e da escrita como formas de distração e canalização do sofrimento. No capítulo IV, Plácido alonga-se acerca das suas leituras de grandes escritores portugueses que lhe serviram de refrigério para as suas tristezas² transferindo, em seguida, o seu discurso para si própria enquanto escritora desprezada e apelidada de “louca” pela sociedade que a julga por isso e pelo adultério:

Fértil em criaturas estúpidas, egoístas, abjectas e invejosa é esta maioria que se esforça em espezinhar o ente superior, que o detesta porque o admira. De mim vingam-se ela dos arrosos da minha imaginosa fantasia chamando-me louca, rindo das minhas exaltações como ri das agonias incompreensíveis do meu martírio. [...] É saber repelir com senhoril despeito estas mil vespas que pairam no ar, zumbindo como mosquitos importunos. (...) Mulher sou hoje. // Posso falar assim com a prematura velhice da experiência e da desgraça. (Plácido, 1863, p.87-88)

É interessante contrapor esta defesa do valor intelectual próprio levada a cabo pela autora às notas (não da sua autoria) adicionadas ao primeiro capítulo de “Meditações” em que se fala da suposta naturalidade e necessidade da escrita para Plácido, que não havia sequer pedido a publicação dos seus escritos:

A nobre alma, que pensou e escreveu essas páginas que vão ler-se, não nos pediu que as oferecêssemos à comiseração do mundo, nem

mesmo à sua admiração. Bem pudera ela dizer como um infeliz poeta de Inglaterra: «escrevo, porque é necessário»... escreve, porque o escrever lhe é um desafogo às lágrimas. (Plácido, 1863, p.62)

Ou contrapô-la mesmo à “Introdução” de Júlio César Machado a *Luz coada por ferros* que sublinha a ausência de vaidade da escrita de Ana Plácido e a naturalidade não racionalizada com que escreve os seus textos.

Pois são precisamente essas ideias defensivas e socialmente prescritas da “naturalidade” e inevitabilidade da escrita para uma mulher – estratégia de aceitação usada muitas vezes pelas próprias escritoras – que Ana Plácido acaba por contestar através da defesa aberta da escrita como modo de sobrevivência emocional e psicológica. Diz a autora:

No meio do caos, que me enluta o pensamento, radia a luz, e como Pitágoras, compondo a sua harmonia das esferas, entrego-me ao idealismo vago e indefinido, e encontro **um mito só meu**. // Venço o primeiro escolho, contrapondo-lhe **a rara energia, o varonil esforço** da minha ardente imaginação e **vontade**. (Plácido, 1863, p.90-91)

Em negrito colocámos as expressões que apontam claramente para um desejo de afirmação literária e intelectual deliberado, composto de vontade própria e esforço, algo que pudesse reclamar para si própria e chamar “seu”, muito longe, portanto, da suposta naturalidade proclamada por Machado.

Regressemos, contudo, ao conto que aqui essencialmente nos preocupa. Na primeira carta, a protagonista começa por se lamentar ao seu “querido amigo” pela impossibilidade de continuar a vida e pela ofensa que lhe faz ao dizê-lo: “Que viver era este meu? que esperanças o adoçavam, que futuro me entreluzia?... Por toda a parte a escuridão cerrada, horrores, e maldições!... Perdão, meu irmão, eu sei que ofendo a sua nobre e simpática alma; sei.” (Plácido, 1863, p.194). Segue depois a descrever a razão pela qual tem de pôr um fim à sua

vida – um amor imperecível por um homem que a despreza, um amor escravo e humilhante de que se envergonha mais do que orgulha:

Morro, porque não posso vencer-me; morro, porque é preciso levantar uma barreira de gelo entre uma imagem adorada, e o meu malfadado coração. Sempre a amar aquele homem, sempre! A cada novo insulto, a cada blasfêmia que lhe sai dos lábios mascarada debaixo da excessiva e irónica polidez; esta cabeça que tão ufana de si se levantou outrora, curva-se submissa como o animal humilde afagando a mão que o castiga. [...] É uma cobardia que a mim mesma me revolta, é o ascendente do senhor sobre o escravo, é enfim este amor – castigo de que eu não posso dessoldar-me. Não lhe admire a persistência e intensidade, admire antes que a mulher forte e varonil não possa abafá-lo, levantando a sua dignidade do charco ignominioso em que jaz. (Plácido, 1863, p.195)

Ao invés de valorizar a constância e força do amor que tem por Cristiano, note-se como a protagonista desvaloriza essa permanência por a considerar uma fraqueza sua, imprópria de uma mulher forte e varonil. Não só é curiosa a desvalorização de um amor não correspondido e humilhante de modo tão claro, como é importante o apreço implícito por essa mulher “forte e varonil” que saberia ter a dignidade necessária para quebrar um relacionamento que a diminuísse e que não se conformaria com uma submissão amorosa humilhante para si.

De seguida, a protagonista revela a razão pela qual merece sofrer por amor – para poder pagar com a dor própria e a morte os sofrimentos que causou a tantos outros corações: “Eu sou uma mulher fatal. Por toda a parte tenho acendido impressões fortes, dedicações grandes, mas de repente, quebro umas, outras despedaçam-se contra o meu sestro maldito. // A morte, a desgraça, e até a demência, é o meu cortejo; e que longo que ele é, meu Deus!...” (Plácido, 1863, p.195-196). Este *topos* da mulher fatal é, contudo, ambíguo neste caso. A

personagem é, simultaneamente, a mulher que causa a desgraça de muitos homens, mas também aquela que está condenada à nascença a padecer e a perder todos os que lhe são próximos. É, assim, fatal aos outros e ao seu próprio destino.

É a iminência do suicídio, pois, que lhe dá, em seguida, causa a que recapitule a sua infância e adolescência, a sua vida emocional e sexual, para ver no seu despertar os sinais do infortúnio, os sinais de uma predestinação para o sofrimento: “Minha santa mãe olhava-me como votada ao infortúnio, por uma superstição em que avultavam não sei que estranhas influências, e agoureiras circunstâncias, que presidiram ao meu entrar no mundo.” (Plácido, 1863, p.196). Essa predisposição para as dores futuras é, na verdade, um tópico comum a várias outras personagens femininas de Ana Plácido, cujo temperamento aponta, já na infância, para um coração vulnerável e uma mente melancólica e meditativa. Depois, o rápido desenvolvimento físico torna-a presa dos “galanteios” masculinos e cedo a entrega ao universo das paixões.

O seu destino maldito começa o seu curso logo no primeiro amor: “Como eu me recordo do meu primeiro e infantil amor! Cedo se realizou o vaticínio que me fora predito. [...] Morreu: era o meu terrível destino começando a sua interminável carreira, debaixo da qual foram desaparecendo um a um todos os que me foram caros pelos laços de sangue e da afeição. (...) Tudo mereci; vivi, e morro só.” (Plácido, 1863, p.197-198). Antônio Augusto morre cedo e doente, deixando-a para o chorar e começando assim o percurso que a deixaria eventualmente só e prestes a morrer também. A solidão feminina é outro dos temas frequentemente abordados e descritos na obra de Ana Plácido, e é uma questão central para as suas mulheres – muitas se encontram sozinhas na vida depois de terem caído numa tentação amorosa, sem família, marido ou amante a quem se recolher, sem apoio e tendo que trabalhar para sobreviver.

O desprezo a que votou tantos homens, por seu lado, faz a protagonista sentir ainda mais o peso da culpa das dores que fez passar, quando ela própria se transforma

em vítima desse desprezo por parte de um homem que ama: “A punição veio logo a caminho: amei. Amei, e amo, como eu creio que não se ama neste mundo onde não cabe tanto quanto eu lhe dei. E hoje, vou apagar no túmulo os últimos clarões deste incêndio que me consume a vida.” (Plácido, 1863, p.199).

Esta primeira carta é, deste modo, um pretexto para contextualizar a situação presente da protagonista e para a construir como uma figura tentadora, mas condenada, desejada e rejeitada a um tempo, incapaz de sobreviver à mágoa que lhe macerou os dias.

Já a segunda carta, endereçada ao amante por causa de quem em breve se suicidará, é escrita num jorro de emoção e apresenta o tom de um apelo à compaixão do amado, de um último grito de amor já sem esperança de reciprocidade, mas que ainda almeja um arrependimento *post-mortem*. Começa, assim, por se queixar do desamor e desprezo que Cristiano lhe guarda e do sofrimento que a sua própria queda lhe causa: “Se tu pesasses a dor da mulher que cai, depois de grande luta, diante de si própria!... Nem tu, nem ninguém.” (Plácido, 1863, p.200). A dor que a própria queda provoca na mulher que se deixa seduzir é uma questão também muitas vezes abordada pela autora nas suas obras: não é com orgulho que a mulher cai na sedução, mas com a consciência de que, mesmo sem ter tomado a iniciativa, foi ela que sucumbiu às tentações.

Os narradores de Ana Plácido são notáveis pela muita compaixão que demonstram pelas personagens femininas que se deixaram levar pelas seduções dos homens e pela quase ausência de um tom moralizador ou condescendente. Porém, isso não implica que elas próprias não sejam exigentes consigo mesmas, e isso leva a que vivam a mágoa da cedência como uma transformação irrecuperável a seus próprios olhos, uma perda definitiva da inocência. No caso da protagonista de “Às Portas da Eternidade”, à dor da queda na tentação junta-se ainda a dor do resvalar no suicídio, último reduto para o desespero incontrolável e cujo único bálsamo apaziguador é a esperança de que o amante um dia se arrependa de a ter rejeitado e provocado a sua morte:

O meu único conforto é a lembrança de que um dia, quando te branquearem os cabelos, quando a consciência falar com os arrebiques emprestados por uma imaginação sempre ávida do desconhecido, o teu espírito voltará ao passado à procura desta sombra esvaecida que te arrancará o sincero pranto do arrependimento. (Plácido, 1863, p.200)

Daí em diante, a carta é um conjunto de lamentos, queixas e declarações de amor. De entre elas destacamos aquela em que a protagonista chora a inconstância masculina: “Tempo! tudo gastas, mesmo a reminiscência no coração do homem; só a mulher conserva puro de mancha o amor que a sacrificou...” (Plácido, 1863, p.201). No final, pede ao amante que seja ele a enterrá-la e que chore o seu fim e afirma-se mártir – mártir por amor, sacrificada por ele até à morte: “Faz por que me enterrem vestida como estou, que nenhuma outra mão me toque senão a tua. Guarda este punhal que me deste, tinto no meu sangue, e... é tarde. Adeus, adeus, meu chorado e saudoso amor; não te peço fidelidade às minhas cinzas, peço-te um gemido para a mártir.” (p.202).

Como se torna evidente, a emoção e o *pathos* vão crescendo ao longo destas duas cartas, à medida que a hora da morte mais se aproxima. Se a primeira tem ainda um tom ponderado e lógico, a segunda é quase só um jorro de sentimentos e emoções perto do desespero, um último canto de despedida ao culpado pela sua morte.

O suicídio é, por sua vez, entendido de modo quase ambíguo. Se, por um lado, se trata de uma forma de aliviar a dor insuportável de viver desamada e é, assim, uma maneira de escapar, quase uma cobardia; é, por outro lado, um autossacrifício da vida aos pés de um amor não correspondido e, por isso, um meio de libertação das culpas que esse amor lhe tinha acarretado enquanto viva. É ainda um dos tópicos românticos que se revelaram extremamente prolíficos. Plácido, porém, ao dar tal densidade psicológica à sua personagem, é capaz de sublimar o suicídio, de o tornar algo além da morte de amor colocando a sua protagonista no

momento crítico entre a vida e a morte, num momento de transição em que a aura fantasmagórica já se apoderou do seu corpo e em que ela se encontra quase em passagem para o mundo evanescente.

Outras dualidades presentes no conto aumentam, por sua vez, a complexidade do texto impedindo, como aliás também é comum na obra de Plácido, uma leitura linear desta protagonista feminina. Assim, se, por um lado, ela é condenável por ser suicida, o suicídio é desculpável por ser um último reduto para acabar com o muito sofrimento por que já passou, o que quase a ilibada culpa de o cometer. Do mesmo modo, se foi cruel ao mostrar tédio por quem a amava, paga agora o preço devido ao morrer de amor por alguém que a despreza. Estas dualidades espelham-se ainda na presença dos dois homens representados pelas duas cartas e pelos dois anéis: o homem por quem é amada e o homem que ama – aquele que chorará a sua morte e o outro que a esquecerá sem piedade, respectivamente.

Todo o texto se constrói, na verdade, sobre oposições que se conjugam para criar um contexto ambíguo, em que os opostos se contrapõem e convivem simultaneamente como sucede com o vestido preto que é trocado por um branco, com os dois amores da protagonista, com a vida prestes a dar lugar à morte ou com a atmosfera em permanente transição entre a linearidade do discurso lógico da suicida e a fantasmagoria das suas emoções irreprimíveis. A sentimentalidade e *pathos* associados ao suicídio por amor comum em muitas novelas românticas são transformados por Plácido num momento de terror psicológico feminino, no desespero à beira da autodestruição devido a um amor falhado; num suicídio que não é sacrifício, mas aniquilamento.

O terror que a envolve é, por seu lado, algo que a personagem procura legar ao seu amado ao pedir-lhe que trate do seu cadáver, iniciando com a presença do seu corpo morto a assombração que deseja que o persiga até à velhice e que o leve, ainda que tarde, ao arrependimento.

Amor, morte e memória estão, assim, intimamente ligados neste pequeno conto em que a mulher abando-

nada é o epicentro de toda a carga emocional e narrativa, em que, como é caro a Plácido, a mulher se torna a protagonista da sua própria história amorosa, da sua vida e da sua morte.

Luz coada por ferros comporta ainda mais alguns episódios em que Ana Plácido se compraz na construção de cenários de terror emocional, embrenhando-se numa via que, infelizmente, não desenvolveu na sua outra obra de maior escopo – *Herança de Lágrimas*. Esse tipo de horror é, na verdade, aquele que parece atraí-la sobretudo – o terror experienciado por personagens, sempre femininas, levadas a situações extremas em que as emoções se sobrepõem e consomem o seu discernimento.

Um desses casos é o de Paula, uma das personagens principais do conto “O Amor!...”. Paula, Manuel e Adelaide formam um triângulo amoroso, ilegítimo de ambos os lados, construído pelas mentiras de Manuel para com as duas mulheres, mas que se mantém mesmo depois de elas saberem da existência uma da outra.

Numa última provação à qual Paula não conseguirá resistir, depois de muitas provocações por parte de Adelaide e com o consentimento de Manuel, Adelaide dorme com o amante fechada à chave num quarto da casa em que este vivia conjugalmente com Paula, afirmando vir recuperar o que era seu, sem que a primeira nada pudesse fazer para o evitar. O devassar por duas vezes do lar conjugal de Paula e Manuel é, desta forma, o último teste para a sanidade mental desta.

Se saber da infidelidade daquele que considerava seu marido era doloroso, obter provas dela sob a forma de uma criança (filho de Manuel e Adelaide e que a última tinha entregue a Paula) e de uma mulher é insuportável: Paula enlouquece e assassina Adelaide no leito que partilhou com Manuel, vivendo o resto da sua vida louca e em recolhimento. É a seminudez de Adelaide e os contornos da cabeça de Manuel no travesseiro ao lado da amante que confirmam a traição e que despoletam a reacção desvairada de Paula. A descrição das emoções das duas mulheres, mas sobretudo de Paula no momento do crime, é dos aspectos mais importantes do texto:

Um sangue quente e vivo, borrifou as faces da assassina. A este contacto os cabelos de Paula eriçaram-se-lhe na cabeça, e um grito medonho e terrível ressoou. [...] – Tanta gente... tanto sangue! – dizia ela – este vestido vermelho não é próprio de desposada... Afastem-se: a noiva de Manuel da Cunha sou eu... ai! é preciso escondê-lo; não venha essa mulher roubar-mo. // Estava douda e criminosa, e assim viveu alguns anos. (Plácido, 1863, p.136)

Na mente de Paula o casamento nunca oficializado transforma-se numa obsessão, numa fixação que, levada à loucura, ela confunde com a realidade. O seu crime passional apoia-se nessa obstinação e é perpetrado por ela como um castigo inconsciente aplicado àquela que havia devassado a paz do seu lar conjugal e como um meio de preservar o marido que queria que fosse seu. Julgar-se vestida com um vestido de noiva que nunca teve e vê-lo impróprio e manchado para uma desposada desmascara, contudo, a ilegitimidade da sua própria ligação com Manuel.

Embora em situações amorosas semelhantes, Paula e a protagonista de “Às Portas da Eternidade” são vítimas de um tipo de terror psicológico distinto: se a última toma a decisão consciente de acabar com a vida, a primeira age sob a influência de um impulso irracional e é a morte de outrem, e não a sua, o seu objectivo.

Já noutra texto do mesmo volume, é a morte, desta vez natural, de uma outra mulher que compõe mais um quadro de horror e angústia. Essa mulher é Luiza do conto “Impressões Indeléveis”, amante de outro Manuel casado com Joana. Esta é o exemplo da esposa resignada e martirizada que sofre o desprezo e infidelidade do marido sem ripostar e que o aceita de volta e apoia quando a sua amante morre.

A descrição de Joana e do seu comportamento segue os moldes de uma santa, de uma mulher que aceita o seu destino e que consegue, ainda assim, manter a sua atitude maternal, tratando Manuel quase como um filho rebelde e desobediente, mas muito amado, apoiando-

-se sempre na religião para ultrapassar as provações da vida: “- Combate esse orgulho de mulher, com a resignação de cristã. A provação a que Deus te sujeita é dura e espinhosa, filha; mas secundará em glória para a tua alma nessa outra vida, que é eterna.” (Plácido, 1863, p.184). Já Luiza é uma jovem que Manuel seduz, mas que acaba por se transformar na amante caprichosa que o prende por lhe ter dado os filhos que a sua mulher nunca pôde.

Depois de uma vida de solidão e abandono, contudo, Joana ainda encontra em si compaixão para perdoar o marido e a amante. É ela que o visita quando Luiza se encontra no leito de morte:

Luiza era quase cadáver, apenas os olhos se moviam com a rapidez medonha, procurando ou fugindo a uma visão que devia persegui-la e atormentá-la. // Manuel, que eu via pela primeira vez, estava lívido como ela. Tomava-lhe uma das mãos, chamava-a, e fazia um gesto de desespero ao conhecer-lhe a insensibilidade. // (...) De repente, ouvi um pequeno ruído, e vi no círculo de luz fúnebre uma figura de mulher aproximando-se do leito com vagaroso passo. // Luiza encarou-a com o olhar já embaciado, abriu medonhamente a boca e deixou sair um som rouco. O estertor fazia gemer o leito. As convulsões eram aterradoras. (Plácido, 1863, p.189)

O terror da morte espelhado no corpo de Luiza é agravado pela figura de Joana que se aproxima e que a amante de Manuel olha como se se tratasse de um anjo vingador. A iminência da morte fá-la sentir o peso da culpa que teve na desgraça de Joana e a aproximação do vulto desta agrava o seu pânico e terror, que se expressa pela convulsão do corpo, único meio de expressão para aquela que, pela proximidade da morte, já perdeu a voz. Com o perdão expresso de Joana, porém, este episódio transforma-se num momento de redenção – o vulto sombrio de Joana transfigura-se numa imagem luminosa e abençoada, trazendo o perdão necessário à paz que permite a Luiza libertar-se da vida:

«Vai, desgraçada! Completaste o teu fadário! Nesta hora suprema esqueço o mal que me fizeste para te abençoar como a uma filha que muito amasse. Chama-te Deus para a eterna mansão do seu reino imortal: deixe-te gozar do esplendor dessa luz divina em que entra o arrependido contrito e perdoado.» // E uma lágrima foi rolar na face da moribunda, como o orvalho de graça regeneradora da culpa. // Um clarão momentâneo desfez os gelos da morte. Luiza ergueu meio corpo, juntou as mãos, lançou um derradeiro olhar para o céu, e caiu frio cadáver. (Plácido, 1863, p.189-190)

A morte é, como verificámos, o tópico sobre o qual Ana Plácido se alonga para a construção do *locus horrendus* na sua obra. Esses cenários fúnebres podem, contudo, configurar-se de vários modos. Se, em “Às Portas da Eternidade” é o suicídio que está em causa, a escolha consciente da morte como solução para uma vida emocionalmente insuportável, em “O Amor”!...” é o homicídio quase inconsciente, perpetrado à beira da loucura, que dá azo à descrição de uma cena de crime e sangue. Finalmente, em “Impressões Indeléveis” é a descrição do testemunho de uma morte natural, mas física e psicologicamente agonizante, que se verifica ser o ponto fulcral do conto.

Em qualquer destes casos, todavia, é a consciência feminina o principal objecto de estudo e interesse e o lugar em que o terror se expressa de modo mais profundo: seja pela conturbação emocional de um momento pré-suicida em que a protagonista revê e relembra momentos da sua vida e amaldiçoa aquele que lhe levou a felicidade; seja pela loucura que toma conta de uma mente insatisfeita, traída e injustiçada e que a conduz a um acto homicida quase inconsciente; seja, finalmente, pela angústia e terror que assolam uma mulher culpada que, perto da morte, vê na face daquela que injuriou o bálsamo redentor que lhe apazigua o espírito.

Consciências femininas todas elas martirizadas e transfiguradas por paixões profundas, mas desequilibradas e injustas, muito distantes do obsidiante amor romântico que nos acostumámos a aceitar como a norma ditada,

no Romantismo português, pelas mortes de Teresa e Simão em *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco. Em Ana Plácido a paixão só mata quando ela própria já desvaneceu, deixando no seu lugar um vazio que só a morte pode preencher.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Claudia Pazos. A trajetória de Ana Plácido e o papel de Camilo. In: Sérgio Guimarães de Sousa (org.), **Representações do Feminino em Camilo Castelo Branco**. Braga: Centro de Estudos Camilianos, 39-63, 2014.
- BRANCO, Maria do Carmo Castelo. Sedução e poder argumentativo: a propósito de algumas cartas de Ana Plácido. In: **A Mulher na Vida e Obra de Camilo: Estudos Camilianos 5**. Vila Nova de Famalicão: Centro de Estudos Camilianos, 101-112, 1997.
- CABRAL, Alexandre. **Via Dolorosa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1979.
- CABRAL, Alexandre. Ana Augusta Plácido. In: **Dicionário de Camilo Castelo Branco**. Lisboa: Caminho, 499-502, 1989.
- CAMPOS, Maria Amélia. **Ana, a Lúcida – Biografia de Ana Plácido, a mulher fatal de Camilo**. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2008.
- CASTRO, Aníbal Pinto de. Ana Plácido, a «heroína» de Camilo. In: **A Mulher na Vida e Obra de Camilo: Estudos Camilianos 5**. Vila Nova de Famalicão: Centro de Estudos Camilianos, 9-34, 1997.
- CUNHA, Zenóbia Colares Moreira. Ana Augusta Plácido: sua vida e sua obra. In: Constância Lima Duarte e Marli Fantini Scarpello (orgs.), **Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 73-80, 2002.
- FLORES, Conceição. Ana Plácido: uma mulher à frente do seu tempo. **Revista Ártemis**, 19, 26-32, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/26194>
- FLORES, Conceição. “Meditações” autobiográficas de Ana Plácido. **Revista Soletras: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**, 34, 165-176, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321357914_Meditacoes_autobiograficas_de_Ana_Placido
- LIMA, Lisiane Ferreira de. Escritas de autoria feminina: problematizando a presença das mulheres no cânone literário. In: Ana Luísa Vilela, Fabio Mario da Silva e Maria Lúcia dal Farra (orgs.), **O Feminino e o Moderno**. Lisboa: CLEPUL, 177-186, 2017.
- OLIVEIRA, Paulo Motta. Uma Ana pouco plácida e seu destino crítico. In: **Narrativas de Mulheres em Língua Portuguesa**. Lisboa: CLEPUL, 45-55, 2018.
- PASSOS, Teresa Ferrer. Ana Plácido – A Escritora: Breves Notas Biográficas. In: **A Mulher na Vida e Obra de Camilo: Estudos Camilianos 5**. Vila Nova de Famalicão: Centro de Estudos Camilianos, 193-208, 1997.
- PLÁCIDO, Ana. **Luz coada por ferros**. Lisboa: Sibila, 1863.
- POE, Edgar Allan. The Raven. In: **The Selected Writings of Edgar Allan Poe**. New York/London: W.W. Norton and Company, 57-61, 2004.

NOTAS

1 Também no poema de Poe se descreve uma noite sombria de Dezembro em que o sujeito poético se encontra só, numa divisão, envolto em memórias da amada falecida: “Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,/ Over many a quaint and curious volume of forgotten lore—// [...] Ah, distinctly I remember it was in the bleak December;/ And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor./ Eagerly I wished the morrow;—vainly I had sought to borrow/ From my books surcease of sorrow—sorrow for the lost Lenore—/ For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore—/ Nameless here for evermore.” (Poe, 2004, p.58)

2 “Vejo pairar em volta de mim esses vultos grandiosos, essa pléiade distinta, e única que engrandece este Portugal, que busca esmagar-lhes o talento, e tão mal os preza como filhos. // Fulguram estas centelhas luminosas no meu espírito, destacando-se das feias sombras que o destino malfadado faz pesar sobre mim.” (Plácido, 1863, p.87).

A AUTORA

Mónica Ganhão é Mestre/ Doutoranda com bolsa da FCT. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

E-mail: mon.ganhao@gmail.com